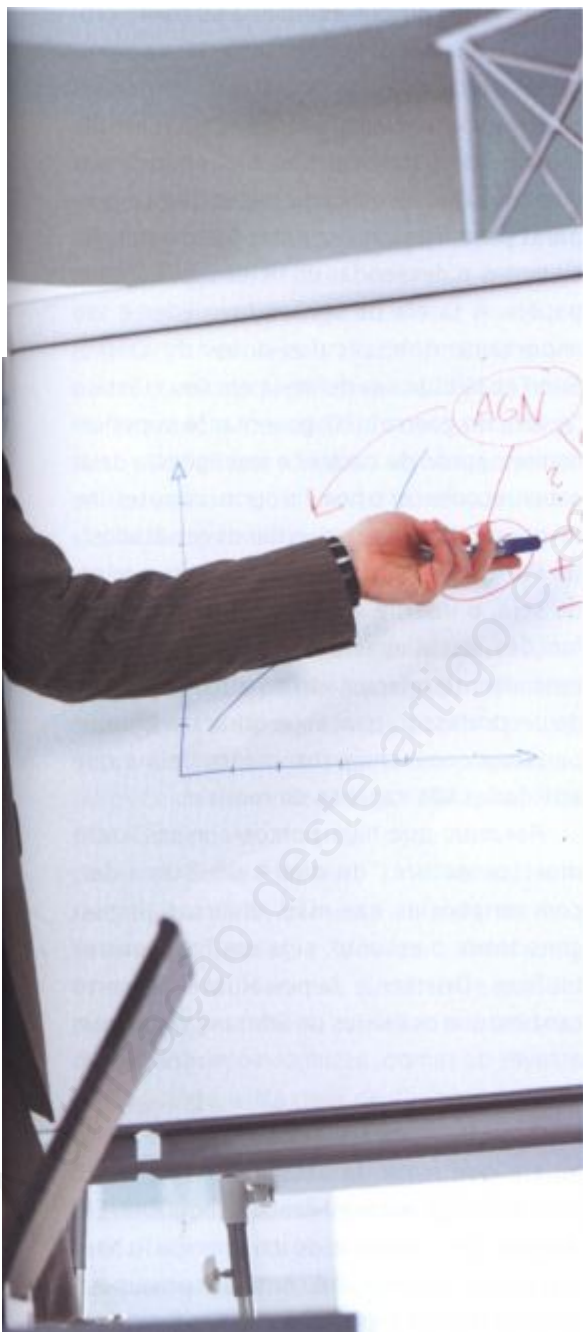


# Liderar é educar





Uma das imagens mais marcantes na história da Liderança é a do professor. Não é à toa que um dos principais papéis de um líder é ensinar seus liderados



O surgimento de lideranças é inerente à organização humana em sociedades. Independentemente da estratificação social, sempre surgiram líderes para organizar momentaneamente as tarefas. Em uma tribo indígena, há um líder que chamamos de cacique; em um departamento comercial, há um líder chamado gerente; em uma família, há uma liderança paterna ou materna. É preciso alertar que os denominados líderes nem sempre são os líderes em exercício. Assim como há gerências em que um colaborador é mais reconhecidamente líder que um gerente por profissão, há famílias em que os filhos comandam no lugar dos pais.

Há falsos líderes que não toleram ver gente, estabelecem seu poder pelo medo e por um emaranhado de regras que se aplicam aos subalternos, mas jamais a si

Para Peter Drucker (em "Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas"), as lideranças são circunstanciais. É possível que uma pessoa seja líder em seu trabalho e submisso em casa e vice-versa: o líder é visível; ele representa a organização. Ele pode ser totalmente anônimo quando sai do escritório e vai para casa. Mas dentro da organização, ele é muito visível e isso vale para líderes locais, nacionais ou mundiais.

Uma das imagens mais marcantes de liderança que atravessa o tempo é a do professor. Aquele que conduz o processo de ensino-aprendizagem, que divide tarefas, que educa, que pune, que divide em grupos. Todos nós crescemos com este exemplo e sabemos o quão desastroso é quando o professor não exerce sua liderança. Sabemos também que liderança não se exerce pela violência e censura, por isto protestamos contra a palmatória e modificamos as estruturas educacionais em busca de um aprendizado mais crítico e democrático, que está ainda longe da perfeição, mas que está vivo por se

rever incansavelmente.

Na verdade, a imagem do líder e a do professor deveriam estar sempre associadas. Afinal, qual o maior dever de um líder senão apontar caminhos, aprender em conjunto? Rubem Alves diz que a primeira tarefa do professor é ensinar a ver (em entrevista no programa "Roda Viva", da TV Cultura-disponível em [www.youtube.com/watch?v=DgBPEnk11fl](http://www.youtube.com/watch?v=DgBPEnk11fl)). E a do líder, também não é? Conduzir aos mistérios que há em cada passo dado e preparar para o passo seguinte, fazer entender as metas e desvendar os objetivos, eis seus papéis. A tarefa de ser um bom líder é tão importante que, séculos antes de Cristo, Sun Tzu já buscava defini-la em seu clássico "A arte da guerra": "O governante superiormente dotado de caráter e inteligência deve saber reconhecer o homem certo, cometer-lhe responsabilidades e aguardar os resultados".

Para Sun Tzu, o governante superior, ou seja, o líder, é aquele capaz de delegar funções, escolher a pessoa certa. Isto está intimamente relacionado ao olhar avaliativo de um professor, qual seja: olhar um grupo e perceber como chegaram diante dele e que atividades são capazes de realizar.

Por mais que haja pontos comuns entre diversos autores do que é um bom líder, com tangências nas mais diversas linguagens sobre o assunto, seja em Tzu, autores bíblicos, Drucker e James Hunter, é certo também que os estilos de liderança mudaram através do tempo, assim como mudou a ação do professor.

O maior clássico mundial da era absolutista que trata do assunto chama-se "O príncipe", cujo autor é Nicolau Maquiavel. Ele defende que o objetivo de um príncipe (o líder máximo de sua época) é continuar príncipe, e cunha a famosa expressão: "os fins justificam

## O líder deve ser aquele que está em meio a seus liderados para, antes de qualquer coisa, aprender com eles, aprender quem são, o que oferecem e como eles construíram suas realidades

os meios". Estamos enganados se achamos que esse pensamento se restringiu aos impérios modernos. Essa máxima absolutista, que diz respeito à liderança, predominou durante muito tempo em escolas, empresas e mesmo em lideranças circunstanciais, a ponto de popularizar expressões como "manda quem pode, obedece quem tem juízo." Ainda hoje, há lideranças constituídas dessa maneira, falsos líderes que não toleram ver gente, não se aproximam dos liderados, estabelecem seu poder pelo medo e por um emaranhado de regras que se aplicam aos subalternos, mas jamais a si.

Felizmente, por mais que ainda existam exemplos assim, esse modelo de liderança totalitária vai se desfazendo pouco a pouco, sobrando apenas caricaturas em páginas de livros como o exótico Odorico Paraguaçu, de Dias Gomes. Atualmente, popularizaram-se palavras como "servidor", de James Hunter: aquele líder que está ali para servir a seus subordinados, e "devedor", de Max de Pree: aquele líder que, justamente por ser líder, tem uma dívida para sanar com seus liderados.

Seguindo a máxima de Guimarães Rosa posta em "Grande Sertão: Veredas", "Mestre não é quem sempre ensina. Mas quem de repente aprende". O líder, dentro da lógica roseana, e mesmo freireana (em "Pedagogia da autonomia", de Paulo Freire), deve ser aquele que está em meio a seus liderados

para, antes de qualquer coisa, aprender com eles, aprender quem são, o que podem oferecer, como construíram suas realidades. Uma corporação, uma escola, uma sala de aula são compostas por mundos particulares apelidados de pessoas. Não se pode restringir a ver especialistas, técnicos, engenheiros, recursos humanos, assistentes. Há que se olhar às particularidades, saber o que conversam e o que lhes dá prazer. Saber também o que lhes perturba e quais são suas maiores angústias. Aprender a humanidade dos colaboradores é dar vida a uma corporação, transformando-a em algo que vai além de cifras.

- Este novo século, do qual estamos vivendo apenas as primeiras décadas, será primordial para forjarmos novos conceitos de liderança que estejam pautados no desensino e no desaprender. Como poetizou Manoel de Barros (em "O livro das ignoranças": "Desaprender oito horas por dia ensina os princípios". Devemos nos educar a partir do erro e deixar para trás os insucessos de um século como o XX, marcado por guerras, regimes ditatoriais e intolerância. Que nos eduquemos nos deseducando, e que, para tanto, surjam novos líderes capazes de ouvir e de levar à prática a irreverência e a criatividade. Que experimentemos cotidianamente o nascimento de novas idéias e que esse parto seja indolor.

Que toda lição aprendida seja uma lição de prazer, e que todo líder tenha a singeleza de um liderado.